

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA ATIVIDADES ARQUEOLÓGICAS

Thalles Rennan Maia de Medeiros

UEPB

thalles_dm@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apontar a importância da educação e preservação do patrimônio cultural para a realização das atividades arqueológicas. Mostrará a necessidade do ensino da educação patrimonial para evitar a vandalização dos sítios arqueológicos, que ocorrem com bastante frequência, principalmente devido a lendas e costumes antigos, que incitam as pessoas a buscarem botijas, violando assim o material que poderia vir a ser utilizado para estudos da cultura material daquele objeto de estudo em questão. Ainda é possível apontar a viabilidade de aulas de campo que podem ser ministradas em patrimônios históricos e pré-históricos locais que buscam criar uma identidade social mais conectada com os alunos da região em questão, incentivando também a produção de história local por meio dos docentes da localidade.

Palavras-chave: Arqueologia; Patrimônio Material; História Local

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi pensado após uma situação onde durante uma escavação arqueológica, foi descoberto que o sítio que estava sendo escavado e que seria utilizado para tentar recontar parte da história colonial da Paraíba, sem partir de um viés positivista como era escrito até o século XX, havia sido violado pela população que habita próxima ao patrimônio cultural material, denominada de Atalaia do Mirante, em Santa Rita.

No caso da Atalaia do Mirante havia sido violado pelos habitantes da localidade em buscas de botijas, como também em busca de um suposto túnel que algumas lendas locais diziam conectar ao antigo forte que havia na região, provavelmente o de Santa Catarina. Portanto, com as intervenções no solo sem a presença de um arqueólogo, ou nem mesmo a escavação feita a partir dos métodos corretos, muita coisa foi perdida sobre a história do patrimônio da Atalaia do Mirante, tendo em vista que o solo era

bastante estéril para vestígios da cultura material quando dos investidos arqueológicos no ano de 2018.

A arqueologia é uma ciência que busca compreender o passado a partir da cultura material deixada pelos povos no seu local de convivência, chamado pela arqueologia de sítios arqueológicos. Portanto, a arqueologia depende plenamente da preservação dos sítios, pois: “O solo arqueológico é como um livro, com uma grande desvantagem: o arqueólogo só tem uma oportunidade de lê-lo (as camadas estratigráficas) não realizando isso de forma coerente, científica, simplesmente joga-se fora a única maneira de reconstrução da cultura de um povo” (SANTOS, 2010. p. 35).

Sendo assim, este estudo busca focar a pesquisa na educação patrimonial como uma forma de prevenção para que atos de vandalismo futuro possam vir a acontecer, além de buscar relacionar a população da área com o patrimônio em questão, tentando explorá-lo tanto para fins educativos, como também para que futuramente possa ser utilizado como um ponto turístico da região, angariando renda para a mesma.

PATRIMÔNIO CULTURAL E ARQUEOLOGIA

Antes de explicar como deve ser utilizada a educação patrimonial para a preservação do patrimônio cultural e, por conseguinte dos sítios arqueológicos, faz-se necessário inicialmente classificar o que seria o patrimônio histórico e a importância de sua preservação.

Para BARRETO (2000, p.11) Patrimônio cultural é “conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade.”. Entretanto, ao tratar-se de arqueologia é necessário dá enfoque maior no patrimônio cultural material.

A arqueologia no Brasil trabalha tanto com o momento dito histórico como pré-histórico, onde o primeiro é dado a partir do momento em que os europeus aqui chegaram e o pré-histórico ou pré-colonial, como o que estuda os povos nativos pré contato com o homem branco.

Sendo assim, podemos tomar como exemplo uma obra arquitetônica que havia sido construída durante o período colonial pelos ibéricos na Paraíba, onde a construída é uma representação dos hábitos e cotidianos dos povos que ali estavam presentes, apontando assim como o modo de viver dessa comunidade se moldou e sua influência nos tempos atuais.

Portanto, após a constatação, tanto a obra como seu entorno será então chamado de patrimônio histórico-cultural, pois “incorporamos no Patrimônio Cultural todos os vestígios, materiais e imateriais, do passado, sublinhando sua diversidade e pluralidade de leituras, e destacando a sua relevância para a construção de múltiplos futuros” (Oosterbeek, 2007, p.128).

Para a arqueologia, o patrimônio histórico-cultural e o seu entorno tornar-se-á sítio arqueológico, que virá a ser analisado, e todo material encontrado neste local será considerado pela ciência como cultura material do povo em questão. A arqueologia pode então definir, a partir do que for encontrado, de que grupo cultural aquela obra pertencia, ou que tipo de trabalho a pessoa que vivia em certa residência exercia e sua importância para a sociedade daquele momento.

Importante ressaltar, também, que durante muito tempo a história era contada a partir de um viés positivista, onde apenas os heróis e grandes nomes da história, era deixado de lado toda a história de um povo, seus costumes e seu cotidiano, criando sempre uma imagem deturpada daquilo que era visto como o outro.

Para tanto, a arqueologia poderá vir a ajudar a corrigir esta visão do outro, criada durante o período de contato com os nativos, por exemplo, pois a mesma analisa as fontes de forma direta, já que as suas fontes é a cultura material encontrada no sítio, sem ter influência direta da visão eurocêntrica sobre os nativos da região. Sendo assim, a arqueologia tem a capacidade de, a partir do patrimônio material, tentar “reescrever” a história de um lugar, de um povo, de uma sociedade a muito esquecida

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA PRESERVAÇÃO DOS SÍTIOS

A educação baseando-se nas informações obtidas a partir dos patrimônios históricos, ajudará tanto na conscientização do aluno da importância daquele patrimônio, como também para criar laços mais fortes no aprendizado acerca da aula em questão.

Mesmo que estejamos falando apenas da disciplina de história, sem englobar a ideia de multidisciplinaridade, a aula partindo do conhecimento do patrimônio histórico ajudará a criar uma conexão entre o aluno e o local, trazendo assim a consciência da preservação incipiente em algumas comunidades, e as verdadeiras justificativas históricas desse ato. Entretanto, para que haja êxito, é necessário que os professores saibam contextualizar o assunto e interligar o que está sendo visto no patrimônio com o

que é visto dentro da sala de aula, além de tentar suplantar no aluno um sentimento de pertencimento àquela história, logo como sugere GRUNBERG (1999, p.108):

A visita que foi utilizada como motivação permitirá um desenvolvimento do aprendizado muito mais rico e proveitoso. Quem morou naquela casa, como viviam as pessoas, em que época, o que comiam, como trabalhavam e brincavam, como praticavam esportes e se divertiam, quais eram, como se curavam as doenças, de que tipo, em que acreditavam, como pensavam, de que gostavam? Como eram os ricos, que relação tinham com os pobres, existiam diferenças ou eram todos iguais?

Sendo assim, a correlação entre o que o aluno vê em sala de aula e o que ele virá a encontrar presente numa atividade de campo, num momento real, ajudará a assimilação já que: “Ao desenvolver este trabalho, possibilita-se aos alunos aprender sobre o passado, conhecê-lo e dar-lhe valor. Referenciá-lo com o presente permitirá à criança a comparação e o desenvolvimento do seu espírito crítico, fator essencial na formação do futuro cidadão” (GRUNBERG, 1999, p.108).

Porém é necessário ter cuidado para não restringir a educação patrimonial unicamente a monumentos e objetos de cultura material que tenham sido encontrados pela arqueologia, pois seria um equívoco já que o objetivo sempre será focar nos indivíduos, como mostra FOGOLARI (2005, p.23):

Nesse sentido, buscar entender o Patrimônio Cultural isolado das características individuais e coletivas é um equívoco, quando não um desrespeito à sociedade. Tanto a ciência quanto o Patrimônio Cultural têm responsabilidade social mas, principalmente, devem estar voltados à busca de melhorias de vida da população”.

O trabalho com educação patrimonial poderá também trazer uma pluralidade de visão para o aluno acerca das diversas formas de interpretações possíveis daquela mesma sociedade, já que é possível fazer diversas análises a partir de um mesmo patrimônio histórico-cultural.

Ainda poderá vir a ser utilizado os patrimônios como forma de renda para aquela população que habita suas proximidades, o que incitaria ainda mais a preservação do mesmo, tendo em vista que o turismo cultural movimentaria a economia local, além de buscar trazer a população a ter uma ligação maior com o patrimônio, como podemos ver em VARELA (2003):“O Turismo através do estudo da cultura pode se promover não só como atividade capitalista, que desequilibra os ambientes, e sim; sendo uma atividade também capitalista, mas que conserve e preserve os ambientes (nossos patrimônios).”

É importante apontar a participação do estado nesse trabalho como sendo indispensável para seu sucesso tanto educacional como turístico, já que as políticas públicas determinam tanto a acessibilidade quanto o fomento a projetos nessa área. Todas as estratégias do profissional imbuído do trabalho com o Patrimônio, portanto, estão diretamente relacionadas à gestão do Estado, enquanto órgão oficial de “representação da vontade do povo”.

Entretanto, a participação do estado tem que ser feita com cuidado, tendo em vista que o patrimônio cultural como memória é muito passivo de influência externa, portanto é necessário que o estado traga a capacidade da localidade desenvolver estudos e atividades turísticas nos locais, entretanto sem tentar interferir no ato científico da arqueologia enquanto a releitura da história daquele local.

Para Fogolari, a presença do estado na cultura e gestão do patrimônio cultural deve ser da forma mais democrática possível, considerando a diversidade, porque, como afirma Zarankin (2002, p.15) “a cultura material é carente de significados por ela mesma, e só adquire uma dimensão ativa dentro de um sistema cultural determinado”. Ou seja, uma determinada situação não anula a capacidade dialética existente nos objetivos do Patrimônio Cultural (2005, p.24).

A PRODUÇÃO DE HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DO PATRIMÔNIO

Um dos grandes pontos que podemos ressaltar do trabalho com o patrimônio histórico-cultural é trabalhar com o mesmo num contexto local, para que assim a familiaridade dos alunos seja maior, e por conseguinte estreitando ainda mais os laços com a cultura e história do local, trazendo o sentido de pertencimento e despertando o interesse em preservação do patrimônio como um bem da comunidade.

Portanto definiremos o que é história local e como ela pode ser utilizada para a conservação do patrimônio, além do incentivo que pode criar para a pesquisa da história dos patrimônios preservados.

A história local é definida como: “conhecimento histórico, sob a perspectiva local e pode significar: o local como objeto do conhecimento e/ou o local como referência para o conhecimento” (NEVES, 1997 p.15). Logo, os patrimônios histórico-culturais podem e devem ser utilizados como fonte de pesquisa para desenvolvimento da história local de uma devida região.

A história local também é um instrumento para a criação de uma identidade social a qual tem por definição:

Implica na consciência que se tem de si mesmo. Essa consciência supõe um reconhecimento do mundo (contexto) no qual se existe e atua. Portanto, por identidade social pode-se entender o reconhecimento de si próprio como sujeito da história (processo). E na medida em que o sujeito da história é realizador de ações, ele é também objeto da história (ciência) (NEVES, 1997 p.15)

É possível apontar a importância da história local como criadora da consciência que a população tem que desenvolver como agente da história, e também como preceptor e guardião dos patrimônios presentes na sua história para que os próximos membros da sociedade tenham acesso à sua história.

O ensino de história local também pode contar com o apoio da interdisciplinaridade com a arqueologia, que poderá está sendo desenvolvida em algum sítio arqueológico/ patrimônio histórico local. Deve também usufruir de todos os patrimônios do local, como casas, monumentos, inscrições rupestres, costumes locais e etc, para que possa trazer um aprendizado mais sólido ao interligar o estudado em sala com o real, analisado nesses locais.

A identidade social trará a sensação de pertencimento para os membros da comunidade, os quais sentirão a necessidade da preservação de seu patrimônio, além de aparecer o desejo da participação na história de sua comunidade, e possivelmente o ensejo para a pesquisa e evidenciação da história do seu local.

AS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DESENVOLVIDAS PELO LABAP/UEPB

Desde o ano de 2015 que o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB vem fazendo atividades de educação patrimonial em paralelo com as atividades desenvolvidas em campo. Esta ideia surgiu inicialmente como uma forma preventiva de vandalização do patrimônio que está sendo estudado.

Entretanto, não basta que esse tipo de educação seja provida para a comunidade apenas no momento em que haverá a intervenção arqueológica/ paleontológica, pois como já muito foi debatido, há uma grande necessidade de preservar estes patrimônios

antes de haver a intervenção, para que assim o mesmo não tenha sido vandalizado, dificultando o estudo da história daquele local e povo.

A educação patrimonial provida pelo LABAP/UEPB consiste em buscar nos colégios públicos locais, espaço para a apresentação de uma palestra educativa acerca da importância da preservação patrimonial para a história e para a comunidade local.

São apresentadas imagens dos patrimônios do estado que receberam intervenção, como também o da localidade que está sendo trabalhada no momento. Ainda há a distribuição de uma cartilha confeccionada pelo LABAP/UEPB, que apresenta o tema para os alunos, além de reforçar o que está sendo dito e apresentado durante a palestra.

A posteriori é providenciado uma visita dos estudantes ao local da escavação arqueológica, onde eles poderão ver como se dá todo o processo de escavação, ponderando que não é possível fazer escavações de maneira efetiva sem o acompanhamento de um arqueólogo, o que poderá diminuir as chances da violação do solo de ambientes tombados.

Faz-se possível também demonstrar na prática a importância da preservação daquele patrimônio em questão e sua colaboração para contar a história daquela localidade. Ainda poderá criar estímulo nos alunos para que eles futuramente possam vir a estudar sobre o assunto, ou até mesmo entrar no ramo da arqueologia. Ainda é possível através da educação patrimonial aliada a visita a campo a comprovação de que as lendas e mitos contadas na cidade acerca de botijas, tesouros e etc, são inverdades, mas que são bastante comuns em pequenas cidades do interior do estado paraibano.

Ainda há em exercício a partir do LABAP/UEPB o projeto de extensão do Museu Itinerante, o qual desenvolve ações preventivas dentro da cidade de Campina Grande, onde buscamos colégios públicos para a apresentação de uma pequena parte do acervo, para podermos elucidar para os alunos a importância da preservação patrimonial, além da importância do trabalho realizado pela arqueologia e paleontologia.

Existe também atividades de cunho preventivo que ocorrem na cidade do Ingá para a conscientização dos alunos da rede pública da cidade, além de desenvolver palestras sobre a preservação do patrimônio para as excursões que visitam a Itacoatiara do Ingá como podemos ver a seguir:

A Educação Patrimonial e medidas de contenção de destruição deste legado cultural compreendido na área de estudo foram realizadas mediante autorização das escolas ou professores responsáveis pelas excursões escolares

à Pedra do Ingá. As palestras foram realizadas com aula expositiva e auxílio didático, data show, réplicas de instrumentos líticos pré-históricos (nas salas de aula) e estrutura de museu (nas aulas na Pedra do Ingá). As palestras sempre enfatizando a importância de sítios arqueológicos e a necessidade de preservar estes locais e todos os estudantes envolvidos receberam cartilha educativa. (SANTOS, 2015 p.50)

Há a necessidade de que este tipo de ato ocorra em todo o território paraibano, para que não continuemos a perder informações importantes acerca da nossa história, graças a vandalismos justificados apenas em lendas ou por falta do senso de coletividade que a história local pode nos trazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente a necessidade que há de tentarmos preservar nosso patrimônio histórico-cultural intacto, para que seja possível realizar estudos significativos sobre os mesmos, além de preservar nossa história e nossa cultura para as gerações futuras.

Entretanto há um grande descaso para com nossa memória social e por consequência com nosso patrimônio. Muito disso é derivado da falta de uma identidade social coletiva que nos una e traga um sentimento de pertencimento àquele lugar. Neste ponto a história local poderia auxiliar-nos na construção da identidade social de um sujeito participante da história, e que por conseguinte detentor do desejo de preservar nossa história para as futuras gerações.

Ainda é necessário criar consciência na população da importância dos trabalhos arqueológicos para elucidar questões históricas importantes acerca do nosso passado. A arqueologia pode reescrever a história de diversos povos postos a margem pela historiografia positivista. Entretanto para que esse trabalho seja realizado com maestria, é necessário que a fonte do arqueólogo, ou seja, a cultura material daquele povo, esteja intacta quando do seu contato.

Todavia é comum que partindo de lógicas do misticismo, frequente nas pequenas cidades, ou apenas pela falta de consciência coletiva da importância histórica dos patrimônios, muitos sítios arqueológicos venha a ser vandalizados pela população, geralmente em busca das características desse misticismo, como botijas, tesouros e tantas outras características que são criadas pelo imaginário popular.

Portanto, faz-se necessário que a educação patrimonial seja posta em prática em todo o estado paraibano, talvez até nacional, para que possamos, juntamente a história local, criar um sentimento de pertencimento e uma identidade para a população, além da conscientização da importância dos patrimônios histórico-culturais da nossa região, para que assim todo esse vandalismo seja contido, e nossa história permaneça preservada e com possibilidades de novas versões para a nossa história, com ainda mais detalhes daqueles que foram postos de lado pelo positivismo

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Margarida. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ; MinC, IPHAN, 2005
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- FUNARI, Pedro Paulo e FOGOLARI, Everson Paulo. **Estudos de Arqueologia Histórica**. Erechim: Habilis, 2005
- HORTA, Maria de L. P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- ORSER JR., Charles E. **Introdução à arqueologia histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.
- OOSTERBEEK, Luiz. **Arqueologia, patrimônio e gestão do território**. Erechim: Habilis, 2007.
- RODRIGUES, Marly. De quem é o patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24: 195-203, Rio de Janeiro, 1996.
- SILVA, Thiago Pereira da. **Reflexões sobre os primórdios do turismo em Ouro Preto**. Acesso em junho de 2018. <http://www.ouropreto.com.br>
- VARELA, Daniela. **Turismo e Cultura** – referências da identidade humana. Acesso em junho de 2018, <http://www.ouropreto.com.br>

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

MACHADO, Neli T. Galarce; LOPES, Sérgio Nunes; Diego Antônio GHENO. **Arqueologia Histórica e a Problemática do Patrimônio**: discussões acerca da preservação, turismo e educação patrimonial no Vale do Taquari – Rio Grande do Sul. *História*, v.28, n.1, p.575-588, 2009

NEVES, Joana. Historia Local e a Construção da Identidade Social. **Revista Sæculum** João Pessoa, v. 3, 1997

SANTOS, Juvandi de Souza. **Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba**: Subtradição Ingá?. Campina Grande, PB: Cópias e Papéis, 2015. 140 p. v. 3.

_____. **Manual do Arqueólogo**. Campina Grande, PB: Cópias e Papéis, 2010. 120 p.